

BARBARA DEMICK

Nada a invejar

Vidas comuns na Coreia do Norte

Tradução

José Geraldo Couto



Copyright © 2009 by Barbara Demick
Copyright do mapa © 2009 by Mapping Specialists, Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Nothing to Envy: Ordinary Lives in North Korea

Capa

Julia, www.julia.uk.com

Foto de capa

Eric Lafforgue

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Ana Maria Barbosa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Demick, Barbara

Nada a invejar : vidas comuns na Coreia do Norte / Barbara Demick ; tradução José Geraldo Couto. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : Nothing to Envy : Ordinary Lives in North Korea.

ISBN 978-85-359-2273-8

1. Coreanos — Coreia (Norte) — Condições econômicas — Século 21 — Estudo de casos 2. Coreanos — Coreia (Norte) — Condições sociais — Século 21 — Estudo de casos 3. Coreia (Norte) — Condições econômicas — Século 21 — 4. Coreia (Norte) — Condições sociais — Século 21 I. Título.

13-03868

CDD-306.095193

Índices para catálogo sistemático:

1. Norte-coreanos : Condições econômicas : Sociologia 306.095193
2. Norte-coreanos : Condições sociais : Sociologia 306.095193

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Mapa</i>	9
Nota da autora	11
1. De mãos dadas no escuro	13
2. Sangue manchado	32
3. A fanática	55
4. Escuridão	81
5. Romance vitoriano	103
6. Crepúsculo do deus	123
7. Duas garrafas de cerveja por um soro	139
8. O acordeão e o quadro-negro	157
9. Os bons morrem primeiro	178
10. Mães da invenção	196
11. Andorinhas errantes	212
12. Doce desordem	229
13. Rãs no poço	244
14. O rio	261
15. Epifania	277

16. A noiva comprada	290
17. Abra os olhos, feche a boca	306
18. A terra prometida	317
19. Estrangeiros em sua terra	334
20. Reencontros	347
Epílogo — À espera	370
<i>Agradecimentos</i>	385
<i>Notas</i>	390
<i>Créditos das fotos</i>	413

1. De mãos dadas no escuro

Foto de satélite das Coreias do Norte e do Sul à noite.

Se você examinar fotos de satélite do Extremo Oriente à noite, verá um grande borrão em que não há luz. Essa área de escuridão é a República Democrática Popular da Coreia.

Nas proximidades desse misterioso buraco negro, a Coreia do Sul, o Japão e agora também a China resplandecem nitidamente de prosperidade. Mesmo a centenas de quilômetros de altitude, os anúncios luminosos, os faróis dos carros, as luzes das ruas, os néons das cadeias de fast-food, aparecem como minúsculos pontos brancos significando indivíduos envolvidos em suas ocupações. Consumidores de energia do século XXI. Então, no meio disso tudo, uma extensão de negrume quase do tamanho da Inglaterra. É desconcertante que uma nação de 23 milhões de

pessoas possa parecer tão desabitada quanto o oceano. A Coreia do Norte é simplesmente um vazio.

A Coreia do Norte escureceu no início dos anos 1990. Com o colapso da União Soviética, que sustentava seus velhos aliados comunistas com petróleo barato, a emperrada e ineficiente economia da Coreia do Norte entrou em colapso. As centrais de energia enferrujaram. As luzes se apagaram. Gente faminta passou a escalar postes de transmissão para surrupiar pedaços de fio de cobre e trocar por dinheiro. Quando o sol se põe, a paisagem se dissolve no cinza e as casinhas baixas são engolidas pela noite. Vilarejos inteiros desaparecem na penumbra. Mesmo em partes da capital-vitrine Pyongyang, é possível caminhar pelo meio de uma avenida à noite sem conseguir ver os prédios de nenhum dos dois lados.

Quando forasteiros contemplam o vazio que é a atual Coreia do Norte, pensam em aldeias remotas da África ou do Sudeste Asiático em que a mão civilizadora da eletricidade ainda não chegou. Mas a Coreia do Norte não é um país subdesenvolvido; é um país que despencou para fora do mundo desenvolvido. Evidências do que houve um dia e se perdeu podem ser vistas balançando ao longo de qualquer estrada norte-coreana de certo porte — os esqueletos de fios da enferrujada rede elétrica que um dia cobriu o país inteiro.

Os norte-coreanos que estão na meia-idade ou já passaram por ela se lembram muito bem de quando dispunham de mais eletricidade (e de mais comida também) que seus primos pró-americanos da Coreia do Sul, e isso intensifica a humilhação de passar as noites sentados no escuro. Nos anos 1990, os Estados Unidos se ofereceram para ajudar a Coreia do Norte a suprir suas carências de energia se o país desistisse de seu programa de armas nucleares. Mas o acordo desmoronou depois que o governo Bush acusou os norte-coreanos de trair suas promessas. Os norte-corea-

nos se queixam amargamente da escuridão, pela qual eles ainda responsabilizam as sanções dos Estados Unidos. Eles não podem ler à noite. Não podem ver televisão. “Não podemos ter cultura alguma sem eletricidade”, disse-me uma vez um corpulento guarda de segurança, em tom de acusação.

Mas o escuro também tem suas vantagens. Especialmente se você é um adolescente namorando alguém com quem não pode ser visto.

Quando os adultos vão dormir, às vezes, no inverno, antes das dezenove horas, é bastante fácil sair de casa escondido. A escuridão propicia doses de privacidade e liberdade tão difíceis de conseguir quanto a eletricidade na Coreia do Norte. Envoltos numa capa mágica de invisibilidade, você pode fazer o que quiser sem se preocupar com os olhares inquiridores de passantes, de vizinhos ou da polícia secreta.

Conheci muitos norte-coreanos que me contaram o quanto tinham aprendido a amar a escuridão, mas o que mais me impressionou foi a história de uma adolescente e seu namorado. Ela tinha doze anos quando conheceu um rapaz três anos mais velho de uma cidade vizinha. A família dela ocupava uma camada baixa no sistema bizantino de controle social em vigor na Coreia do Norte. Serem vistos juntos em público comprometeria as perspectivas de carreira do rapaz, bem como a reputação de garota virtuosa dela própria. Por isso seus encontros consistiam inteiramente em longas caminhadas na escuridão. De todo modo, não havia outra coisa a fazer; na época em que eles começaram a namorar sério, no início dos anos 1990, nenhum restaurante ou cinema estava funcionando por causa da falta de energia.

Eles se encontravam depois do jantar. A garota tinha instruído o namorado a não bater na porta da frente, para não correr o risco de ouvir perguntas de suas irmãs mais velhas, do irmão mais novo ou dos vizinhos bisbilhoteiros. Moravam todos aper-

tados num prédio comprido e estreito atrás do qual havia um banheiro compartilhado por uma dúzia de famílias. As casas ficavam separadas da rua por um muro branco, de altura pouco acima do nível dos olhos. O rapaz encontrou um lugar atrás do muro onde ninguém o percebia quando a luz abandonava o dia. O ruído dos vizinhos lavando louça ou usando o banheiro abafava o som de seus passos. Ele às vezes esperava duas ou três horas por ela. Não importava. A cadência da vida é mais lenta na Coreia do Norte.

A garota aparecia logo que conseguia se desembaraçar da família. Pondo o pé para fora de casa, ela perscrutava a escuridão, incapaz de vê-lo num primeiro momento, mas sentindo nitidamente a sua presença. Ela não se preocupava com maquiagem — ninguém precisa disso na escuridão. Às vezes vestia simplesmente o uniforme da escola: recatada saia azul-escura até abaixo dos joelhos, blusa branca e gravatinha vermelha, tudo feito de um tecido sintético enrugado. Ela era jovem o bastante para não se inquietar muito com a aparência.

Começavam a caminhar em silêncio, depois suas vozes iam subindo gradualmente dos sussurros a níveis normais de conversa à medida que deixavam o vilarejo e mergulhavam na noite. Mantinham-se a meio metro de distância um do outro até ter certeza de que não seriam percebidos.

Mal saindo da cidade, a estrada atravessava uma mata fechada e chegava a uma estância de águas termais. Foi no passado uma estância de certo renome; suas águas à temperatura de mais de 50°C costumavam atrair ônibus lotados de turistas chineses em busca de cura para artrite e diabetes, mas hoje opera raramente. A entrada exibia um espelho d'água retangular, cercado por um muro de pedras. As trilhas que cortavam o terreno eram margeadas por pinheiros, bordos japoneses, e as árvores favoritas da garota, as ginkgo bilobas, que no outono deixavam cair delic-

das folhas amarelo-mostarda na forma de perfeitos leques orientais. Nas montanhas ao redor, as árvores tinham sido dizimadas por pessoas que as usavam como lenha, mas as árvores na estância termal eram tão lindas que os locais as respeitavam e as deixavam em paz.

De resto, a área era mantida precariamente. As árvores não eram podadas, os bancos de pedra estavam rachados, o calçamento de pedras tinha falhas, como uma boca banguela. Em meados dos anos 1990, quase tudo na Coreia do Norte estava estragado, quebrado, funcionando mal. O país tinha conhecido dias melhores. Mas as imperfeições não eram tão gritantes à noite. A piscina de águas termais, escura e entupida de algas, ficava luminosa com o reflexo do céu.

O céu noturno da Coreia do Norte é uma visão e tanto. Talvez seja o mais brilhante do Nordeste Asiático, o único lugar poupadão pela poeira de carvão, pela areia do deserto de Gobi e pelo monóxido de carbono que sufocam o resto do continente. Nos velhos tempos, as fábricas norte-coreanas contribuíam com sua cota para a camada de poluição, mas não mais. Nenhuma iluminação artificial compete com a intensidade das estrelas pregadas no céu.

O jovem casal caminhava noite adentro, espalhando folhas de ginkgo à sua passagem. Sobre o que conversavam? Suas famílias, seus colegas de escola, livros que estavam lendo — qualquer que fosse o tema, era inegotavelmente fascinante. Anos depois, quando perguntei à garota sobre as lembranças mais felizes da sua vida, ela me contou sobre aquelas noites.

Não é o tipo de coisa que aparece numa fotografia de satélite. Seja no quartel-general da CIA em Langley, Virgínia, seja nos departamentos de estudos do Leste Asiático de uma universidade, as pessoas geralmente analisam a Coreia do Norte à distância. Não param para pensar que no meio daquele buraco negro,

naquele país desolado e obscuro onde milhões já morreram de fome, também existe amor.

Na época em que conheci aquela garota, ela já era uma mulher de 31 anos de idade. Mi-ran (como vou chamá-la para os propósitos deste livro) tinha desertado seis anos antes e estava morando na Coreia do Sul. Eu pedira uma entrevista com ela para um artigo que estava escrevendo sobre desertores norte-coreanos.

Em 2004 fui nomeada chefe da sucursal do *Los Angeles Times* em Seul. Meu trabalho era cobrir toda a península coreana. A Coreia do Sul era fácil. Era a 13^a potência econômica, uma democracia florescente, embora às vezes turbulenta, com um dos mais agressivos contingentes de jornalistas em ação na Ásia. Autoridades governamentais davam seus números de celulares aos repórteres e não se incomodavam ao serem chamados tarde da noite. A Coreia do Norte era o extremo oposto. As comunicações na Coreia do Norte com o mundo exterior restringiam-se em grande parte a discursos despejados pela Agência Central de Notícias Coreana, apelidada de “O Grande Vituperador”, por sua linguagem bombástica contra os “bastardos imperialistas ianques”. Os Estados Unidos tinham lutado a favor da Coreia do Sul na Guerra da Coreia de 1950-3, a primeira grande conflagração da Guerra Fria, e ainda tinham 40 mil soldados estacionados lá. Para a Coreia do Norte, era como se a guerra nunca tivesse terminado; a animosidade seguia vívida e inflamada.

Cidadãos dos Estados Unidos só eram admitidos raramente na Coreia do Norte, e jornalistas americanos com uma frequência menor ainda. Quando consegui por fim um visto para visitar Pyongyang, em 2005, eu e um colega fomos conduzidos por um itinerário batido de monumentos à gloriosa liderança de Kim Jong-il [morto em 2011 e sucedido pelo filho Kim Jong-un (N.E.)]

e seu falecido pai, Kim Il-sung. O tempo todo fomos acompanhados por dois homens magros de terno escuro, ambos chamados sr. Park. (A Coreia do Norte toma a precaução de designar dois “guarda-costas” para visitantes estrangeiros, para que um vigie o outro de modo a impedir que sejam subornados.) Os guarda-costas falavam a mesma retórica empolada da agência oficial de notícias. (“Graças a nosso querido líder Kim Jong-il” era uma frase inserida com estranha regularidade em nossas conversas.) Eles raramente faziam contato olho no olho quando falavam conosco, e eu me perguntava se eles acreditavam no que diziam. O que estariam pensando de fato? Será que amavam seu líder tanto quanto diziam amar? Tinham comida suficiente para se alimentar? O que faziam quando voltavam para casa depois do trabalho? Como era viver no regime mais repressivo do mundo?

Se eu queria respostas a minhas perguntas, estava claro que não as conseguiria dentro da Coreia do Norte. Eu tinha que falar com gente que tinha saído de lá — os desertores.

Em 2004, Mi-ran estava morando em Suwon, uma cidade a pouco mais de trinta quilômetros ao sul de Seul, animada e caótica. Suwon é o lar da empresa de eletrônica Samsung e de um punhado de complexos industriais que produzem objetos que a maioria dos coreanos teria dificuldade de identificar: monitores de computador, CD-ROMS, televisores digitais, cartões de memória eletrônicos. (Uma estatística citada com frequência diz que a disparidade econômica entre as duas Coreias é pelo menos quatro vezes maior do que a que existia entre as Alemanhas Ocidental e Oriental na época da reunificação, em 1990.) O lugar é barulhento e caótico, uma cacofonia de cores e sons desencontrados. Como na maioria das grandes cidades sul-coreanas, a arquitetura é um amálgama de horrendos cubos de concreto encimados por placas e luminosos espalhafatosos. Arranha-céus de apartamentos se irradiam ao longo de quilômetros a partir de um centro

congestionado, pontuado por filiais de Dunkin' Donuts e Pizza Hut e uma miríade de lojas de artigos piratas. As ruas mais afastadas estão repletas de motéis com nomes como Eros Motel e Love-Inn Park que oferecem quartos por hora. O estado habitual do tráfego é o engarrafamento total, em que milhares de Hyundais — mais um fruto do milagre econômico — tentam abrir caminho entre seus lares e os shopping centers. Como a cidade está num perpétuo estado de congestionamento, tomei o trem em Seul, uma viagem de trinta minutos, e em seguida me arrastei de táxi até um dos poucos locais tranquilos da cidade, um restaurante de grelhados diante de uma fortaleza do século XVIII.

Não identifiquei Mi-ran de imediato. Ela não se parecia nem um pouco com as outras norte-coreanas que eu conhecera. Havia na época uns 6 mil expatriados norte-coreanos morando na Coreia do Sul e geralmente eles portavam sinais eloquentes de sua dificuldade de assimilação — saias curtas demais, etiquetas ainda pregadas nas roupas novas —, mas Mi-ran era indistinguível de uma sul-coreana. Estava vestindo um elegante suéter marrom e uma calça de malha que combinava com ele. Deu-me a impressão (que, como muitas outras, se mostraria errada) de ser bastante acanhada. Seu cabelo estava penteado para trás e preso por uma tiara de strass. Sua aparência impecável só era maculada por uma pequena espinha no queixo e certo volume na cintura, resultado de três meses de gravidez. Um ano antes ela se casara com um sul-coreano, um funcionário civil do Exército, e eles esperavam o primeiro filho.

Eu tinha convidado Mi-ran para almoçar porque queria saber mais sobre o sistema de ensino na Coreia do Norte. Nos anos que antecederam sua deserção, ela trabalhara como professora de jardim de infância numa cidade de mineração. Na Coreia do Sul ela estava tentando conseguir o diploma em educação. Foi uma conversa séria, às vezes dura. A comida em nossa mesa per-

maneceu intocada enquanto ela descrevia como tinha visto seus alunos de cinco e seis anos morrerem de fome. Enquanto as crianças morriam, esperava-se que ela lhes ensinasse que eles tinham a bênção de ser norte-coreanos. Kim Il-sung, que governou da época em que a península foi dividida, no fim da Segunda Guerra Mundial, até sua morte, em 1994, devia ser venerado como um deus, e Kim Jong-il, seu filho e sucessor, como o filho de um deus, uma figura semelhante a Cristo. Mi-ran se tornara uma crítica severa do sistema norte-coreano de lavagem cerebral.

Depois de uma hora ou duas desse tipo de conversa, derivamos para o que poderia ser visto depreciativamente como um típico papo de mulherzinha. Havia algo no autocontrole e na franqueza de Mi-ran que me permitia fazer perguntas mais pessoais. O que os jovens norte-coreanos faziam para se divertir? Havia momentos felizes na vida dela na Coreia do Norte? Tinha um namorado lá?

“É engraçado você me perguntar”, disse ela. “Sonhei com ele uma noite dessas.”

Ela descreveu o rapaz como alto e ágil, com cabelo desgrenhado caindo na testa. Depois que ela saiu da Coreia do Norte, ficou encantada ao descobrir que havia um ídolo adolescente sul-coreano chamado Yu Jun-sang que era muito parecido com seu ex-namorado. (Como resultado, usei o pseudônimo Jun-sang para identificá-lo.) Ele era inteligente também, um futuro cientista estudando numa das melhores universidades de Pyongyang. Esse era um dos motivos pelos quais não podiam ser vistos em público.

Não havia motéis na Coreia do Norte. A intimidade casual entre os sexos era desestimulada. Ainda assim, tentei inquirir com delicadeza até que ponto ia o relacionamento deles.

Mi-ran riu.

“Levamos três anos para pegar na mão. Outros seis para dar um beijo”, disse. “Eu nunca sequer tinha sonhado em fazer

mais do que isso. Na época em que deixei a Coreia do Norte, estava com 26 anos e era professora, mas não sabia como os bebês eram concebidos.”

Mi-ran admitiu que pensava com frequência em seu primeiro amor e sentia pontadas de remorso pelo modo como partiu. Jun-sang tinha sido seu melhor amigo, a pessoa a quem ela confidenciava seus sonhos e os segredos de sua família. Mas mesmo assim ela sonegou a ele o maior segredo de sua vida. Nunca lhe contou o quanto tinha aversão à Coreia do Norte, o quanto desacreditava a propaganda que transmitia a seus alunos. Acima de tudo, ela nunca lhe contou que sua família estava acentuando um plano de fuga. Não que ela não confiasse nele, mas na Coreia do Norte todo cuidado era pouco. Se ele contasse a alguém que contasse a alguém... Bem, nunca se sabia, havia espiões por toda parte. Vizinhos denunciavam vizinhos, amigos denunciavam amigos. Até amantes se denunciavam mutuamente. Se alguém na polícia secreta ficasse sabendo de seus planos, toda a sua família seria enviada para um campo de trabalho nas montanhas.

“Eu não podia correr o risco”, ela me contou. “Não podia sequer me despedir.”

Depois de nosso primeiro encontro, Mi-ran e eu conversamos frequentemente sobre Jun-sang. Ela era uma mulher feliz em seu casamento e, quando a reencontrei, uma zelosa mãe, mas sua fala ainda se atropelava e seu rosto corava toda vez que o nome dele vinha à tona. Eu tinha a sensação de que ela gostava quando eu abordava o assunto, como se fosse algo que ela não podia discutir com nenhuma outra pessoa.

“O que aconteceu com ele?”, perguntei.

Ela deu de ombros. Cinquenta anos depois do fim da Guerra da Coreia, os coreanos do Norte e do Sul ainda não têm uma comunicação decente entre os dois lados. Nesse aspecto, não

é nada parecido com o que ocorreu nas Alemanhas Ocidental e Oriental ou em qualquer outro lugar. Não há serviço telefônico entre as Coreias do Norte e do Sul, nem serviço postal, nem correio eletrônico.

A própria Mi-ran tinha várias perguntas não respondidas. Estaria ele casado? Será que ainda pensava nela? Será que a odiava por ter partido sem se despedir? Será que Jun-sang considerava Mi-ran uma traidora da pátria por ter desertado?

“De algum modo acho que ele comprehendeu, mas realmente não tenho como saber”, respondeu ela.

Mi-ran e Jun-sang se conheceram quando estavam no início da adolescência. Moravam na periferia de Chongjin, uma das cidades industriais do nordeste da península, não muito longe da fronteira com a Rússia.

A paisagem norte-coreana é descrita perfeitamente pelas pinceladas negras das pinturas orientais. É espantosamente bonita em alguns lugares — para usar um parâmetro norte-americano de referência, podemos dizer que se parece com a costa do Pacífico, no noroeste —, mas de algum modo desprovida de cor. A paleta tem uma extensão limitada; vai dos verde-escuros dos abetos e zimbros ao cinza leitoso dos picos de granito. O viçoso verde da colcha de retalhos dos arrozais, tão característico dos campos asiáticos, pode ser visto apenas durante uns poucos meses da estação das chuvas. O outono traz um breve lampejo de folhagem. No resto do ano é tudo amarelo e marrom, as cores estão como que diluídas e desbotadas.

A desordem que se vê na Coreia do Sul está totalmente ausente. Quase não há anúncios e sinalização, os automóveis são poucos. A propriedade privada de carros é amplamente ilegal, e mesmo que não fosse não seriam muitos os que teriam

condição de ter um. Até tratores são coisa rara de se ver, só esparsos bois puxando arados. As casas são simples, utilitárias e monocromáticas. Há pouca coisa datada de antes da Guerra da Coreia. A maior parte dos blocos de casas foi construída nos anos 1960 e 1970, com tijolos de cimento e calcário, e as moradias distribuídas às pessoas de acordo com seu emprego e posição hierárquica. Nas grandes cidades há “pombais”, prédios baixos de apartamentos de um dormitório, enquanto no interior as pessoas geralmente vivem em construções térreas chamadas “gaitas”, fileiras de casas de um dormitório, grudadas uma na outra como as caixinhas que formam as câmaras de uma gaita de boca. Ocasionalmente, batentes de portas e caixilhos de janelas são pintados de um surpreendente turquesa, mas em geral tudo é caiado ou cinza.

Na distopia futurista imaginada em *1984*, George Orwell escreveu sobre um mundo em que a única cor existente era a que estava nos cartazes de propaganda. É esse o caso na Coreia do Norte. Imagens de Kim Il-sung são representadas nas vívidas cores apreciadas pelo estilo de pintura do realismo socialista. O Grande Líder aparece sentado num banco sorrindo de modo bondoso para um grupo de crianças vistosamente vestidas, aglomeradas à sua volta. Raios amarelos e alaranjados emanam de seu rosto: ele é o sol.

O vermelho é reservado para as letras dos onipresentes cartazes de propaganda. A língua coreana usa um alfabeto ímpar, feito de círculos e linhas. As letras vermelhas saltam dramaticamente da paisagem cinzenta. Marcham pelos campos, dominam os rochedos de pedra, pontuam as estradas como placas de sinalização e dançam no alto das estações de trem e outros edifícios públicos.

VIDA LONGA A KIM IL-SUNG.

김일성 만세!

KING JONG-IL, SOL DO SÉCULO XXI.

21세기의 태양 김정일 장군 만세!

VIVAMOS DO NOSSO PRÓPRIO JEITO.

우리 식으로 살자.

FAREMOS O QUE O PARTIDO MANDAR.

당이 결심하면 우리는 한다!

NADA TEMOS A INVEJAR NO MUNDO.

세상에 부럽 없어라.

Até o início da adolescência, Mi-ran não tinha razão alguma para não acreditar nos cartazes. Seu pai era um humilde mineiro. Sua família era pobre, como todo mundo que eles conheciam. Uma vez que todas as publicações, filmes e transmissões do exterior eram proibidos, Mi-ran presumia que em nenhum lugar do mundo as pessoas estivessem melhor do que eles, e que provavelmente estivessem até muito pior. Ela ouviu muitas e muitas vezes no rádio e na televisão que os sul-coreanos estavam infelizes sob o governo do líder fantoche pró-americano Park Chung-hee e, depois, de seu sucessor, Chun Doo-hwan. Aprendeu que a modalidade diluída de comunismo da China era menos bem-sucedida do que a praticada por Kim Il-sung e que milhões de chineses estavam passando fome. Tudo somado, Mi-ran sentia que tinha muita sorte de ter nascido na Coreia do Norte sob o amoroso cuidado do líder paternal.

Na verdade, o vilarejo onde Mi-ran cresceu não era um lugar tão ruim nos anos 1970 e 1980. Era uma aldeia norte-coreana

típica, de uns mil habitantes, modelada pelo planejamento central para ser indistinguível de outras aldeias similares, mas sua localização era afortunada. O mar do Leste (o mar do Japão) ficava a apenas dez quilômetros de distância, de modo que seus habitantes podiam comer ocasionalmente peixes e siris frescos. A aldeia ficava pouco depois das chaminés de Chongjin e assim tinha as vantagens da proximidade com a cidade grande e ao mesmo tempo do campo aberto onde se cultivavam hortaliças. O terreno era relativamente plano, uma bênção num país onde o solo horizontal para o plantio é escasso. Kim Il-sung mantinha uma de suas muitas casas de férias na estação termal vizinha.

Mi-ran era a mais nova de quatro irmãs. Em 1973, quando nasceu, isso era uma calamidade tão grande na Coreia do Norte quanto na Inglaterra do século XIX, quando Jane Austen escreveu *Orgulho e preconceito* sobre o infortúnio de uma família com cinco filhas. Tanto os coreanos do Norte como os do Sul estão imersos em tradições confucionas segundo as quais os garotos dão prosseguimento à linhagem familiar e cuidam dos pais idosos. Os pais de Mi-ran acabaram escapando da tragédia de não ter filhos homens com o nascimento de um menino, três anos depois de Mi-ran, mas isso fez com que sua filha mais nova virasse a criança esquecida da família.

Eles moravam numa casa “gaita”, correspondente ao status do pai de Mi-ran. A entrada conduzia diretamente a uma cozinha pequena que servia também de central de aquecimento. Jogava-se lenha ou carvão numa fornalha. O fogo produzido por ela era usado tanto para cozinhar como para aquecer a casa por meio de um sistema subterrâneo conhecido como *ondol*. Uma porta de correr separava a cozinha do cômodo principal, onde toda a família dormia em esteiras que ficavam enroladas durante o dia. O nascimento do menino aumentou para oito o número de membros da família: os cinco filhos, seus pais e uma avó. Então o pai

de Mi-ran subornou o chefe do comitê do povo para que lhes desse uma unidade residencial adjacente e lhes permitisse abrir uma porta na parede divisória.

Num espaço mais amplo, os sexos foram separados. Na hora das refeições, as mulheres se amontoavam em torno de uma mesa baixa de madeira perto da cozinha, comendo mingau de farinha de milho, que era mais barata e menos nutritiva que o arroz, o prato básico preferido dos norte-coreanos. O pai e o filho comiam arroz numa mesa só para eles.

“Eu achava que a vida era naturalmente assim”, me diria mais tarde o irmão de Mi-ran, Sok-ju.

Se as irmãs mais velhas notavam, não faziam alarde, mas Mi-ran se debulhava em lágrimas e protestava contra a injustiça.

“Por que Sok-ju é o único que ganha sapatos novos?”, ela queria saber. “Por que a mamãe só cuida do Sok-ju e não de mim?”

Mandavam-na calar a boca e não respondiam.

Não era a primeira vez que ela se rebelava contra as restrições impostas às garotas. Na Coreia do Norte da época, as meninas não deveriam andar de bicicleta. Havia um estigma social — as pessoas achavam que era feio e sexualmente insinuante — e periodicamente o Partido dos Trabalhadores emitia decretos formais que tornavam o ciclismo feminino tecnicamente ilegal. Mi-ran ignorava a regra. Desde os onze anos ela utilizava a única bicicleta da família, um modelo japonês usado, e pedalava pela estrada até Chongjin. Precisava escapar da opressão de sua pequena aldeia, ir para qualquer outro lugar. Era uma jornada árdua para uma criança, cerca de três horas morro acima, numa estrada asfaltada apenas em parte. Homens tentavam ultrapassá-la com suas bicicletas, xingando-a por sua audácia.

“Você vai rasgar a sua xoxota”, gritavam para ela.

Às vezes um grupo de rapazes adolescentes fechava sua passagem tentando derrubá-la da bicicleta. Mi-ran gritava de volta,

respondendo às obscenidades com obscenidades. Com o tempo, aprendeu a ignorá-los e a seguir pedalando.

Havia um único alívio para Mi-ran em sua cidadezinha natal — o cinema.

Cada cidade da Coreia do Norte, mesmo a mais minúscula, tinha uma sala de cinema, graças à convicção de Kim Jong-il de que o filme é um instrumento indispensável para instilar a lealdade nas massas. Em 1971, quando tinha trinta anos, Kim Jong-il obteve seu primeiro trabalho, supervisionando o Gabinete de Propaganda e Agitação do Partido dos Trabalhadores, que dirigia os estúdios de cinema do país. Ele publicou um livro em 1973, *Sobre a arte do cinema*, em que expunha sua teoria de que “a arte e a literatura revolucionárias são meios extremamente efetivos para inspirar as pessoas a trabalhar pelas tarefas da revolução”.

Sob a direção de Kim Jong-il, o Estúdio de Longas-Metragens Coreanos, nos arredores de Pyongyang, passou a abranger uma área de 3 milhões de metros quadrados. Produzia quarenta filmes por ano. Os filmes eram predominantemente dramas com um tema recorrente: o caminho para a felicidade era o autossacrifício e a supressão do individual em prol do coletivo. O capitalismo era pura degradação. Quando visitei as instalações do estúdio em 2005, vi um cenário do que supostamente seria uma rua típica de Seul, em que se enfileiravam fachadas de lojas caindo aos pedaços e bares de prostituição.

Não importava que os filmes fossem pura propaganda. Mi-ran adorava ir ao cinema. Tanto quanto possível para alguém que cresceu numa cidadezinha da Coreia do Norte, ela era uma cinéfila. Desde que chegou a uma idade em que podia ir ao cinema sozinha, implorava à mãe que lhe desse dinheiro para os ingressos. Os preços se mantinham baixos — apenas meio won, ou uns

poucos centavos, mais ou menos o mesmo que custava um refrigerante. Mi-ran via tudo o que podia. Alguns filmes eram considerados picantes demais para as crianças, como *Oh, meu amor*, de 1985, no qual era insinuado que um homem e uma mulher se beijavam. Na verdade, a mocinha baixava recatadamente sua sombrinha, de modo que os espectadores não vissem os lábios se tocarem, mas isso bastou para que o filme fosse proibido para menores de dezessete anos. Os filmes de Hollywood obviamente estavam banidos da Coreia do Norte, assim como quase todos os outros filmes estrangeiros, com exceção de um ou outro lançamento vindo da Rússia. Mi-ran gostava especialmente dos filmes russos porque eram menos propagandísticos e mais românticos do que os norte-coreanos.

Talvez fosse inevitável que uma garota sonhadora que ia ao cinema para ver romance na tela encontrasse ali, por conta própria, o verdadeiro romance.

Eles se conheceram em 1986, quando ainda havia eletricidade suficiente para fazer funcionar os projetores de cinema. O salão cultural era o edifício mais imponente da cidade, construído num estilo popular bastante grandioso nos anos 1930, quando a Coreia foi ocupada pelo Japão. Com dois andares de altura e espaço suficiente para acomodar um mezanino, o teatro tinha um enorme retrato de Kim Il-sung cobrindo sua fachada. As dimensões eram ditadas pelo regulamento segundo o qual todas as imagens do Grande Líder deveriam ser proporcionais ao tamanho do prédio. O salão cultural servia como auditório de cinema, teatro e conferências. Nos feriados públicos, como no aniversário de Kim Il-sung, abrigava concursos para escolher os cidadãos que melhor seguiam o exemplo do Grande Líder. No resto do tempo a sala exibia filmes, uma nova produção chegando a cada poucas semanas de Pyongyang.

Jun-sang era tão louco por cinema quanto Mi-ran. Tão logo ficava sabendo que havia um novo filme em cartaz, corria para ser

o primeiro a vê-lo. O filme, naquela ocasião particular, era *Nascimento de um novo governo*. Era ambientado na Manchúria durante a Segunda Guerra Mundial, onde os comunistas coreanos, comandados por um jovem Kim Il-sung, tinham se organizado para resistir à ocupação colonial japonesa. A resistência antinipônica era um tema tão familiar ao cinema norte-coreano quanto índios e caubóis aos primórdios de Hollywood. Esperava-se que o filme atraísse grandes multidões, pois era estrelado por uma atriz muito popular.

Jun-sang chegou ao cinema cedo. Comprou dois ingressos, um para si próprio e o outro para o irmão. Estava fazendo hora do lado de fora do cinema quando a avistou.

Mi-ran estava em pé atrás de uma multidão, abrindo caminho em direção à bilheteria. O público de cinema na Coreia do Norte tende a ser jovem e desordeiro. Aquela plateia era especialmente agitada e bruta. Os rapazes maiores tinham aberto caminho até o início da fila e formado um cordão impedindo a chegada dos mais jovens à bilheteria. Jun-sang entrou no cinema para ter uma visão melhor da garota. Ela batia os pés no chão em sinal de frustração e parecia prestes a cair no choro.

O padrão norte-coreano de beleza valoriza a pele pálida, quanto mais clara melhor, um rosto redondo e uma boca em forma de arco, mas aquela garota não tinha nada daquilo. Seus traços faciais eram longos e pronunciados, seu nariz era aquilino e suas maçãs do rosto eram bem definidas. Para Jun-sang, ela parecia quase estrangeira e um pouco selvagem. Seus olhos faiscavam de raiva diante da bagunça na bilheteria. Ela não se parecia com as outras garotas, que faziam gestos recatados e cobriam a boca quando riam. Jun-sang percebeu nela uma impaciência vivaz, como se ela não tivesse sido abatida pela vida na Coreia do Norte. Ficou imediatamente encantado.

Aos quinze anos, Jun-sang era obrigado a reconhecer que estava interessado em garotas de um modo geral, mas nunca

havia concentrado sua atenção numa garota em particular — até então. Tinha visto filmes o bastante para ser capaz de sair por um segundo de si mesmo e imaginar como seria aquele primeiro encontro se acontecesse na tela. Mais tarde ele recordaria aquele momento num sonho em tecnicolor, com uma incandescência mística ao redor de Mi-ran.

“Não posso acreditar que exista uma garota assim nesta cidadelha”, disse para si mesmo.

Ele margeou algumas vezes o perímetro da multidão para dar uma olhada melhor e decidir o que fazer. Era um estudante, não um lutador. Não adiantaria tentar abrir caminho na marra de volta à bilheteria. Então uma ideia se alojou em sua mente. O filme estava para começar, e seu irmão ainda não tinha chegado. Se ele vendesse a ela seu ingresso extra, ela teria que sentar perto dele, já que os bilhetes eram numerados. Ele a rodeou de novo, formulando na cabeça as palavras exatas que usaria para lhe oferecer o ingresso.

No final, não conseguiu juntar a coragem necessária para falar com uma garota que não conhecia. Esgueirou-se para dentro do cinema. Enquanto a tela era preenchida pela imagem da heroína do filme galopando por um campo nevado, Jun-sang pensava na oportunidade que deixara escapar. A atriz encarnava uma impetuosa combatente da resistência que usava cabelos curtinhas e cavalgava pela estepe da Manchúria proclamando slogans revolucionários. Jun-sang não conseguia parar de pensar na garota do lado de fora do cinema. Quando os créditos desceram, ao final do filme, ele correu para fora para procurá-la, mas ela já tinha ido embora.